

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXVI nº 1453 | 22/10/2018 a 28/10/2018

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SEGURO RURAL

MERCADO ALAVANCADO PELO CLIMA

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Os seguros fazem parte do cotidiano da população. É bastante comum, ao comprar um carro, contratar o seguro antes mesmo de sair da concessionária. Assim também funciona com parte das pessoas que opta pelo seguro de saúde para não depender do sistema público. Sem esquecer do seguro de vida, contratado para, em caso de fatalidade, deixar os entes queridos assistidos.

No agronegócio, a situação não é diferente. O seguro rural se faz necessário para a garantia das lavouras. A boa notícia é que a contratação tem aumentado ano a ano no campo, apesar da pouca colaboração do governo federal, como mostra a matéria de capa deste Informativo. Cada vez mais os produtores estão entendendo que não se brinca com o clima para, na eminência de seca ou chuva em excesso, as lavouras estarem protegidas. E, em casos extremos, indenizações serão pagas, o que garante quitar os compromissos financeiros com fornecedores e bancos.

O caminho até o momento atual não foi fácil. E a FAEP é testemunha disso, pois há décadas trabalha no desenvolvimento do seguro rural no Paraná. Muito trabalho de convencimento, viagens, palestras e informativos foram necessários para demonstrar aos produtores a importância da gestão de risco no campo. Mas valeu a pena. Na última safra, quase 26 mil apólices asseguraram mais de 1,5 milhão de hectares no Estado. E que esses números continuem crescendo.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Geraldo Melo Filho

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho
Redação e Revisão: André Amorim e Antonio Carlos Senkovski,
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figuei, Fernando Santos e William Goldbach
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1453:

Fernando Santos, Milton Dória, CNA, Giuliano Gomes, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

SEGURO RURAL

Problemas com clima e melhorias nas coberturas das apólices impulsionam mercado de gestão de risco

PÁG. 4

SANIDADE

Fundepec solicita à governadora medidas de apoio à Agência de Defesa Agropecuária do Paraná

Pág. 3

HISTÓRIA

Guinness Book reúne os recordes mais reconhecidos do planeta

Pág. 10

OUTUBRO ROSA

Confira as fotos dos colaboradores dos Sindicatos Rurais que vestiram a camisa da campanha

Pág. 12

CULTURA DE INVERNO

Segregação do trigo aumenta o lucro dos produtores, além de proporcionar produtos diferenciados

Pág. 14

AQUICULTURA

Campo Futuro, que conta com participação da FAEP, realiza o levantamento dos custos na região Oeste

Pág. 18

Mais agilidade na sanidade

Ofício encaminhado à governadora solicita medidas de apoio à Agência de Defesa Agropecuária do Paraná



Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, a governadora Cida Borghetti e o chefe da Casa Civil Dilceu Sperafico

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, na condição de presidente do Conselho Deliberativo do Fundo de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Paraná (Fundepec), encaminhou, no dia 16 de outubro, um ofício à governadora Cida Borghetti solicitando medidas de apoio à Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar).

Segundo o documento, desde que foi criada em 2011, a Adapar tem alcançado resultados concretos, que se refletem no reconhecimento da qualidade dos produtos oriundos do agronegócio paranaense. Esse papel de guardião das sanidades animal e vegetal do Estado ganha importância adicional no horizonte que se avizinha com o pleito paranaense de se tornar Área Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação.

Essa medida colocaria os produtos paranaenses – não apenas a carne bovina, mas principalmente a suína e demais proteínas animais – em um outro patamar de qualidade, acessando mercados que remuneram melhor, mas que hoje fecham as portas para os nossos produtos.

Este pleito do agronegócio paranaense já foi referendado pelo governo do Estado, em ofício encaminhado ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), no qual comunica o desejo do Paraná de suspender a vaci-

nação após etapa de maio de 2019.

Para dar este passo, o Mapa realizou uma auditoria no serviço de defesa do Estado em janeiro deste ano, na qual foi reconhecida a qualidade do trabalho da Adapar. Em setembro o Estado recebeu outra auditoria, desta vez do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA), para pleitear junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) o reconhecimento internacional de Área Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação.

Nesta reta final para a conquista deste status sanitário é necessário que a Adapar tenha condições de executar as ações que ainda faltam para obter o reconhecimento internacional. Estas ações – que estão elencadas no documento entregue à governadora – têm caráter financeiro, de pessoal e de estrutura física, e tem como objetivo final estruturar a agência para que o serviço de defesa sanitária paranaense continue atuante e com qualidade.

É preciso, por exemplo, finalizar, equipar e designar os recursos humanos para atuar nos Postos de Fiscalização do Trânsito Agropecuário situados nas divisas do Paraná com São Paulo e Mato Grosso do Sul. Estes postos irão fiscalizar a entrada de animais no Estado.

Adversidades climáticas impulsionam mercado de seguro rural

Melhorias nas coberturas das apólices tornam produtos de gestão de risco mais atrativos no Brasil

Por Carlos Guimarães Filho

O produtor rural Luiz Eduardo Veiga Lopes, de 77 anos, começava mais uma rotina cotidiana antes de seguir para o trabalho no campo. Acordou cedo, tomou seu café da manhã e pegou seus aparatos pessoais. Quando estava prestes a sair de casa, no município de Palmeira, na região dos Campos Gerais, se deparou com uma forte chuva, que em minutos se transformou em granizo. Imediatamente veio à mente as lavouras de soja e milho, em plena fase de floração.

Era 15 de dezembro de 2017, período em que as plantações na região dos Campos Gerais, onde está localizada a propriedade de 1,7 mil hectares, estão em um período importante de desenvolvimento. Poucos minutos de granizo foram suficientes para devastar os 92 hectares dedicados ao milho naquela safra de verão. Por sorte, a intempérie climática não pegou em cheio os 358 hectares cobertos com a oleaginosa.

Perdas agrícolas por conta do mau humor de São Pedro como as do produtor de Palmeira são mais corriqueiras do que se imagina. Somente no ano passado, o mercado

de seguros [agrícola, pecuário, florestas e aquícola] indenizou produtores de todo o Brasil no valor de R\$ 842 milhões, segundo dados da Superintendência de Seguros Privados (Susep).

“Independente de safras recordes, todas as regiões agrícolas registram perdas. E o produtor está se convencendo disso, fazendo com que o seguro rural avance bastante no país”, conta Paulo Hora, diretor técnico de seguros rurais do Grupo Segurador BB/Mapfre.

No caso do produtor de Palmeira, o processo de indenização ocorreu de forma ágil, o que garantiu o repasse de R\$ 312 mil, quantia suficiente para o pagamento do financiamento da safra junto a instituição financeira, e ainda sobra de R\$ 15 mil. “Quando houve o incidente, o banco foi rápido em registrar a perda. Depois teve que esperar um pouco o processo correr até o pagamento. Esse dinheiro foi fundamental para planejar a safra seguinte. Do contrá-



rio, eu teria que usar recurso próprio”, destaca Lopes, que há sete anos contrata seguro agrícola. “Sou uma pessoa precavida. Sempre que tive oportunidade, fiz seguro. Inclusive o da próxima safra já está efetivado”, complementa.

Os 450 hectares dedicados aos grãos na propriedade de Lopes fazem parte de um universo que só cresce no país, apesar de o governo federal ter reduzido de 2015 para cá o apoio ao Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural. (PSR), coordenado pela Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). No ano de 2014, auge do PSR, R\$ 693 milhões foram liberados, permitindo a cobertura de 9,9 milhões de hectares por meio de 118 mil apólices. Em 2017, com apenas R\$ 371 milhões destinados ao programa, 4,8 milhões de hectares acabaram segurados. Num primeiro momento parece pouco tamanha a força do agronegócio nacional. Porém, olhando para uma década atrás, é mais que o dobro dos 2,2 milhões de hectares contratados em 2007.

Ainda, neste intervalo de 10 anos, a quantidade de apólice também mais que dobrou, de 31 mil para 67 mil. No rastro, o valor assegurado saltou de R\$ 2,7 bilhões para R\$ 12,2 bilhões. Em 2007, o mercado contava com apenas cinco companhias atuantes no seguro rural. Hoje já são 12, sendo que há novas de olho no setor.

“Dois fatores têm colaborado diretamente para fomentar o seguro rural. As perdas reflexos de chuva e seca acontecem, e mostram que o produ-

**“As perdas por
chuva e seca
mostram que
o produtor não
pode ficar sem
proteção”**

Paulo Hora, do Grupo
Segurador BB/Mapfre



Paraná precisa ampliar o programa estadual

Nem todos os Estados brasileiros contam com um programa de seguro rural. Apenas Paraná, São Paulo e Santa Catarina tomaram essa iniciativa. No Paraná, o programa que viabiliza a contratação pelos produtores das apólices de seguro rural junto às companhias seguradoras credenciadas foi criado em 2009. Atualmente, culturas como trigo e outras de inverno, milho safrinha, frutas e hortaliças e atividades como pecuária, florestas e aquícola são atendidas. A soja e milho verão não são contemplados, pois contam com o programa federal.

Apesar de atender uma parcela significativa dos produtores paranaenses, o Programa de Seguro Rural do Paraná precisa ser ampliado. Em 2018, apenas 4,2 mil apólices numa área de 202 mil hectares, com recursos do governo de R\$ 9,7 milhões, foram contratadas por 3,6 mil produtores. A expectativa do campo é, no curto prazo, duplicar o orçamento, para R\$ 20 milhões e alterar algumas regras de subvenção. A FAEP está elaborando uma proposta ao governo estadual, que será apresentada ao governador eleito Carlos Ratinho Massa, que toma posse no dia 1º de janeiro de 2019.

São Paulo tem programa similar e destina R\$ 30 milhões por ano, envolvendo quase 10 mil produtores. O desafio do Paraná é ampliar o programa nos próximos anos, para chegar a uma área de 600 mil hectares e atingir mais de 10 mil produtores.



Produtor Luiz Lopes foi indenizado em R\$ 312 mil

tor não pode ficar sem proteção. Ainda, as seguradoras estão desenvolvendo novos produtos e também melhorando os já existentes. Muitas modalidades vêm sendo aperfeiçoadas, com coberturas específicas para determinadas regiões”, aponta Hora. “Com certeza, como as seguradoras sabem do problema de subvenção, estão desenvolvendo produtos que conseguem atingir o produtor”, aponta Roberto Shigueru Udo, superintendente de

agronegócios da Sancor Seguros do Brasil.

O produtor Luiz Fernando Mendes de Siqueira apostou em uma destas modalidades disponíveis no mercado para proteger sua lavoura de milho no município da Lapa, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Diante da volatilidade dos preços do grão nas últimas temporadas, Siqueira contratou o seguro faturamento para os 500 hectares na temporada 2016/17. E não se arrependeu!

Na época de assinar o contrato, a cotação do milho estava na casa dos R\$ 42 a saca. Meses depois na colheita, o preço batia R\$ 21 a saca. “Na época, fixamos a linha de corte em R\$ 28 a saca. Tivemos uma produtividade excelente. Esse valor pago pela seguradora permitiu cobrir os custos de produção. Ou seja, pude planejar a safra seguinte sem dívidas”, relembra o produtor. “O seguro faturamento protege de riscos climáticos, mas também garante rentabilidade no caso da volatilidade dos preços. Ainda é uma modalidade desconhecida do pessoal, mas perfeita para a realidade do campo”, reforça.

O susto do passado deixou Siqueira ainda mais precavido. “Eu continuo contratando. Ainda mais em um ano como esse, com eleição, onde o mercado fica muito instável”, diz o produtor, satisfeito com a proteção das suas lavouras na propriedade de 1,5 mil hectares.

Pulverização nacional

Além do crescimento na contratação de seguro agrícola, o mercado também tem registrado uma maior dis-

Em números: o crescimento do mercado de seguro rural no Paraná no Brasil



PARANÁ

Ano	Apólices	Área (ha)	Valor Segurado (R\$)	Subvenção (R\$)
2007	16.232	1.056.310	867.821.959	22.082.560
2008	21.767	1.499.174	1.713.760.260	44.371.842
2009	26.722	2.100.259	2.031.421.950	75.822.548
2010	20.208	1.572.137	1.450.236.789	56.326.751
2011	21.536	1.642.018	1.804.910.210	71.873.607
2012	22.601	1.733.974	2.207.072.811	95.853.734
2013	30.882	2.789.126	3.242.291.816	143.245.198
2014	38.808	2.532.676	3.751.829.202	192.034.200
2015	17.927	1.181.769	1.718.418.318	106.781.158
2016	29.194	1.757.231	3.362.486.446	118.062.761
2017	25.712	1.552.807	3.171.224.728	107.644.398

Fonte: SPA/MAPA

R\$ 842 MI

Valor indenizado aos agricultores do Brasil no ano passado

tribuição nacional. Enquanto as seguradoras investem em melhorias das modalidades já existentes e na criação de novas, para atender os anseios dos produtores, o próprio campo registra transformações. Na verdade, nos últimos anos, o segmento nacional de seguro agrícola está se redesenhando.

Há alguns anos, a contratação estava bastante concentrada na região Sul, algo em torno de 80% dos negócios. Hoje, de toda a área coberta pelo programa, os três Estados somam 53,5%, seguidos pelo Centro-Oeste com 28% e o Sudeste com 14,8%, conforme dados do Atlas do Seguro da SPA do Mapa.

“Antigamente, os produtores do Sul tinham uma percepção maior dos riscos climáticos e contratavam. Isso continua. Mas agricultores de outras regiões também passaram a ver a importância de segurar a área”, aponta o

diretor do Grupo Segurador BB/Mapfre.

Apesar de pulverização do seguro rural pelo país, muito em decorrência das intempéries climáticas, o Paraná segue líder na contratação. Todo o ano em torno de 26 mil apólices são efetivadas no âmbito do programa, numa área que chega a 2 milhões de hectares. “Recentemente o governo federal divulgou os resultados do programa de seguro rural e, entre 2006 e 2017, dos R\$ 4,8 bilhões pagos em indenizações pelas companhias seguradoras aos produtores, R\$ 1,1 bilhão foi para paranaenses”, diz Pedro Loyola, consultor da FAEP.

“Parcela dos produtores ainda não coloca o seguro como ferramenta de mitigação da propriedade. Isso é um contrassenso, pois fazem seguro de um carro de R\$ 50 mil, mas não da lavoura que investiram R\$ 800 mil. Mas isso tem mudado bastante, principalmente em função das perdas por conta das questões climáticas”, reforça Paulo Hora, citando exemplos práticos: “temos casos de produtor que perdeu no plantio, recebeu a indenização, fez o replantio e teve safra cheia”.

Desafios

Apesar do crescimento significativo registrado no seguro rural, o número de contratos ainda é pequeno no programa federal comparando a força do agronegócio nacional. Tanto que menos de 10% da área agricultável no Brasil contam com apoio do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). Ao ponto que nos Estados



BRASIL

Ano	Apólices	Área (ha)	Valor Segurado (R\$)	Subvenção (R\$)
2007	31.637	2.276.245	2.706.036.105	60.961.993
2008	60.120	4.762.903	7.209.176.952	157.544.956
2009	72.737	6.669.296	9.684.244.863	259.610.965
2010	52.880	4.787.641	6.541.634.782	198.277.600
2011	57.885	4.762.764	7.339.468.649	253.451.980
2012	63.328	5.243.272	8.782.214.959	318.167.934
2013	101.850	9.603.429	16.843.679.547	557.852.228
2014	118.204	9.966.141	18.598.703.498	693.529.746
2015	40.152	2.879.323	5.472.374.474	282.286.312
2016	76.346	5.649.912	13.263.440.133	398.583.921
2017	67.727	4.864.717	12.271.718.578	371.399.082

Unidos, outra potência mundial agrícola, o índice é de 90%, pois o governo destina mais de 80% dos recursos da política agrícola para apoiar os produtores no acesso ao seguro rural, inclusive com apoio para as seguradoras.

Os desafios para ampliar esse mercado no Brasil passam por dois fatores. Primeiro a necessidade de os produtores entenderem a necessidade do seguro, algo que acontece a cada temporada. “Nos Estados Unidos, o modelo de seguro rural funciona há 40 anos e já faz parte da gestão da propriedade, sendo que o governo aloca muito recurso. No Brasil ainda é bastante recente, apenas 13 anos. Mas podemos dizer que é um programa com muito espaço para crescer”, destaca Loyola. “O recurso federal para essa temporada atingiu apenas R\$ 370 milhões, montante que representa apenas 2% dos gastos governamentais com agricultura no país”, complementa.

Para o diretor da Sancor, apesar de o tema seguro ser bastante discutido, efetivamente na prática, não consegue transformar em realidade muitas das ações. “O montante disponibilizado pelo governo dita o tamanho do mercado. O agricultor não opta pela compra se não tiver o subsídio do governo. Os produtos [ofertados pelas seguradoras] sem subvenção a abrangência é pequena”. Loyola faz coro ao colega, indicando que a grande barreira para o crescimento do setor está na falta de apoio e incentivo vindo de Brasília. “O governo federal ainda não entendeu a importância e alguns ministérios não têm a cultura do seguro rural, o que é contraditório. Já está provado que o governo gasta mais com renegociações de dívidas rurais onde o seguro rural não chega”.

O grande desafio atualmente é, principalmente, aplicar o recurso e definir uma previsibilidade para o programa, que todo ano sofre cortes no orçamento. O Plano Trienal do Seguro Rural, que define as regras de subvenção e as diretrizes da política de seguro do Mapa para o triênio 2019-2021, está sendo discutido pelos Ministérios da Agricultura e Fazenda. “A demanda reprimida é três vezes maior do que o governo disponibiliza para o seguro rural, sendo necessário o aumento de recurso para R\$ 1,2 bilhão no programa”, diz, taxativo, Loyola.

Apesar de um cenário de dificuldades e obstáculos, a projeção futura é otimista. “O mercado irá seguir um crescimento, principalmente se apoiado pelo governo e com a percepção maior dos produtores. Há novos produtos entrando, seguradora promovendo as novidades para o mercado. A tendência é de aumento, não só nas regiões de risco, mas em todo o território nacional, pois o processo é de pulverização dos seguros pelo Brasil”, afirma Paulo Hora.

Há mais de duas décadas FAEP atua no desenvolvimento do seguro rural

Desde o começo do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, criado por lei em 2003, a FAEP atua para elevar o valor da subvenção, permitindo a contratação por parte de mais produtores. Logo nos primeiros anos do programa, entre 2007 e 2009, a Federação realizou caravanas pelo Paraná levando seguradoras e governo para debater com os produtores e sindicatos.

“A Federação sempre teve como prioridade o seguro rural. Desde a década de 1990, nossos técnicos realizam missões em países onde o seguro rural teve êxito, trazendo na bagagem a experiência”, destaca Ágide Meneguette, presidente da FAEP.

Em 2012, a Federação patrocinou um estudo que mostra a importância econômica do seguro rural para o país. Ainda, a entidade foi a pioneira em lutar por um seguro rural eficiente nos programas federal e estadual de apoio ao produtor e na articulação junto as seguradoras por melhores condições de coberturas dos principais riscos da agropecuária.

“Esse trabalho continua e nunca irá terminar. Em momentos que o governo federal cortava o orçamento do programa, atuamos para reverter a situação. Precisamos, além de mostrar aos produtores a importância do seguro, conseguir mais recursos para subvenção”, ressalta Meneguette.

Constantemente a Federação realiza eventos para disseminar a cultura do seguro rural no Estado e participa com propostas ao Plano Trienal do Seguro Rural e ao Programa de Subvenção ao Prêmio dos governos federal e estadual. Outra frente de trabalho é junto às companhias de seguros, levando as demandas dos produtores de melhoria ou criação de novos seguros rurais.

“Paraná é uma ilha no Brasil, muito por conta do trabalho das cooperativas e da Federação. O produtor do Estado já amadureceu mais [para a importância do seguro rural], já existe uma cultura arraigada”, elogia Roberto Shigueru Udo, superintendente de agronegócios da Sancor Seguros do Brasil.

Ações da FAEP em relação ao despacho da Funai

Levando em consideração a publicação no Diário Oficial da União no dia 15 de outubro de 2018 aprovando as conclusões dos estudos de identificação da Terra Indígena nos municípios de Guaíra, Terra Roxa e Altônia, a FAEP despachou junto ao TRF da 4ª Região nos processos que já cuidam da suspensão das portarias da Funai que criaram os Grupos Técnicos com o objetivo de realizar esses estudos. Caso não ocorra êxito no Tribunal, a FAEP trabalha com a hipótese da impetração de uma nova medida judicial na defesa dos interesses dos produtores rurais desses municípios.

Palestra sobre crédito e seguro rural

No dia 23 de outubro aconteceu o seminário “Perspectivas do Crédito e Seguro Rural no Brasil”, na Associação Regional dos Engenheiros Agrônomos de Cascavel (AREAC), a partir das 14 horas. Na ocasião, o consultor da FAEP Pedro Loyola irá falar sobre os desafios da política agrícola para o próximo governo, o futuro do financiamento da produção e da política agrícola, o mercado e suas inovações, entre outros temas. Além da Associação, o evento foi promovido pelo Sindicato Rural Patronal de Cascavel, a Associação Paranaense de Empresas de Planejamento Agropecuário (APEPA) e a FAEP.



Texanos na FAEP

Um grupo de nove produtores rurais do Estado americano do Texas esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, no dia 17 de outubro, para conhecer mais sobre a agropecuária paranaense. Os viajantes fazem parte do “Texas Farm Bureau”, associação que tem atuação semelhante à de um sindicato rural. A viagem faz parte de um programa para a formação de novos líderes na agricultura. Antes de Curitiba os americanos visitaram Foz do Iguaçu, Cascavel e Guarapuava.

Arrecadação de leite em Campo Mourão

No dia 8 de outubro, a Regional de Campo Mourão do SENAR-PR promoveu um seminário sobre Tributação Previdenciária Rural, com a participação de 90 pessoas ligado ao setor contábil rural. A organização do evento pediu a doação de dois litros de leite por participante, para a Casa das Fraldas de Campo Mourão, que produz fraldas adultas aos mais necessitados, doando principalmente ao Lar dos Idosos de Campo Mourão. A campanha rendeu 120 litros de leite longa vida.





RECORDES ATRÁS DE RECORDES

Desde a criação, o Guinness World Records, considerado a autoridade global em recordes mundiais, contabiliza 60 edições de seu livro, sendo uma das marcas mais reconhecidas e respeitadas do planeta

A ideia de um livro de recordes surgiu na década de 1950 quando Sir Hugh Beaver (1890–1967), diretor geral da cervejaria Guinness, estava caçando no condado de Wexford, na Inglaterra. Ali, ele e seus companheiros discutiram sobre qual seria a ave de caça mais rápida e não puderam encontrar a resposta em nenhuma bibliografia.

Em 1954, lembrando sobre esta discussão, Sir Hugh teve uma ideia para promover a cerveja Guinness, baseando-se na proposta de solucionar este tipo de disputas que também surgiram em pubs. Então, convidou os gêmeos Norris (1925–2004) e Ross McWhirter (1925–1975) a compilar um livro de dados e fatos. Guinness Superlativos foi fun-

dada em 30 de novembro daquele ano, e a empresa abriu em duas salas de um ginásio transformado em escritórios, em Londres.

Depois da fase de investigação inicial, os gêmeos McWhirter trabalharam no livro por mais de 13 semanas, com jornadas de trabalho semanais de 90 horas. Pouco sabiam eles que estavam escrevendo um livro que seria um dos livros mais vendidos de todos os tempos e que estavam inaugurando uma das marcas mais reconhecidas e confiáveis do mundo.

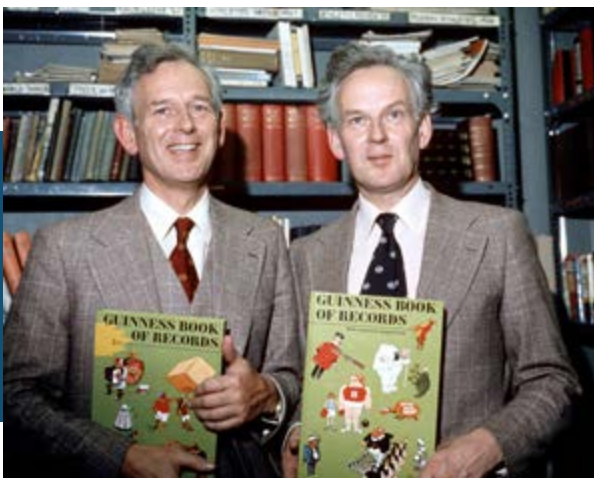
No dia 27 de agosto de 1955 era lançado o Guinness World Records, uma publicação de periodicidade anual na qual constam recordes dos mais variados tipos, reconhecidos internacionalmente. Na-



Sir Hugh Beaver

tal daquele ano, o livro, que se tornaria o Guinness Book of Records, havia chegado ao topo da lista dos mais vendidos do Reino Unido.

Atualmente, os recordes vão desde o homem mais baixo do mundo, até quem consegue jogar um ovo o mais longe possível, ou passar roupa por mais horas seguidas. Alguns recordes também foram banidos, como por exemplo o gato mais pesado do mundo pois vários proprietários de animais passaram a alimentar seus felinos de maneira desenfreada apenas para constar no livro.



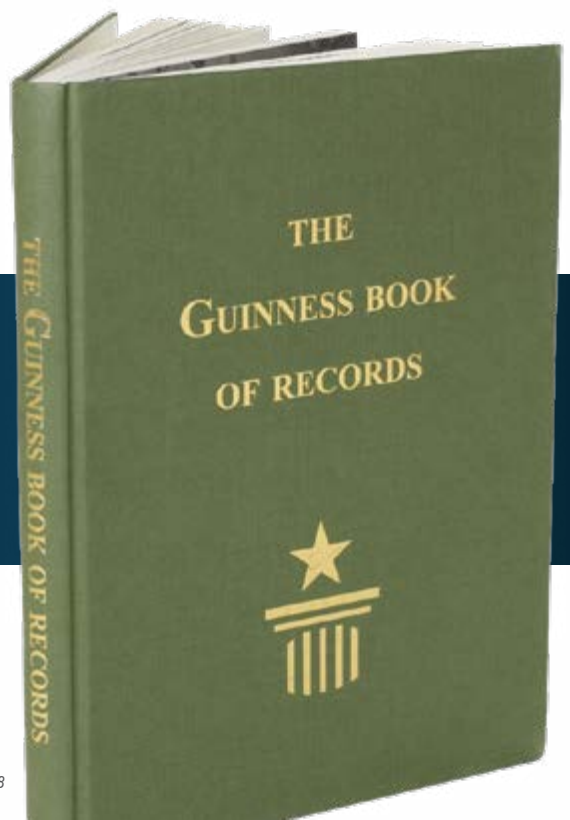
Irmãos Norris e Ross McWhite

Em 2005, o Guinness designou o dia 9 de novembro como “Dia Internacional Guinness World Records” para incentivar a quebra de recordes mundiais, e a data se transformou em um grande sucesso.

O próprio Guinness Book detém um recorde. É o livro que mais lucra com direitos autorais no mundo. Em 2003, o livro chegou a 100 milhões de cópias vendidas, desde a sua primeira edição.

Distribuído ao redor do mundo em 20 idiomas, o Guinness representa para muitos o sonho de notoriedade internacional. Recordes geram reconhecimento que, por sua vez, pode atrair patrocínio para novas façanhas. A editora garante que qualquer pessoa pode se tornar um recordista e receber um certificado oficial da entidade. “Nós somos muito democráticos”, diz Neil Hayes, do Departamento de Marketing da Guinness. “Damos o mesmo espaço para um sujeito que equilibra galões de leite na cabeça, para campeões olímpicos ou estrelas de Hollywood”.

Para bater um recorde, as condições devem ser exatamente as mesmas da marca estabelecida anteriormente. E o aspirante precisa apresentar provas documentadas que deem credibilidade ao feito. Entre elas: imagens em vídeo, fotografias, artigos de jornal, duas testemunhas (que devem ser autoridades ou pessoas respeitadas na comunidade) e, dependendo do caso, o aval de especialistas na modalidade. Para obter o recorde de uma modalidade que ainda não existe é necessário enviar um projeto para a Guinness explicando com o máximo de detalhes a façanha almejada. Aí dependerá de a empresa decidir se o recorde merece ou não o seu aval.





Sindicato Rural de Astorga



Sindicato Rural de Bituruna



Sindicato Rural de Guarapuava



Sindicato Rural de Londrina



Sindicato Rural de Irati



Sindicato Rural de Mandaguá



OUTUBRO rosa

Em diversas regiões do Estado, colaboradores dos Sindicatos Rurais vestiram a camisa do Outubro Rosa. Durante este mês, por meio de ações e mobilizações, é reforçada a luta contra o câncer de mama.

**Mais fotos de colaboradores dos Sindicatos Rurais serão publicadas nas próximas edições do Boletim Informativo do Sistema FAEP/SENAR-PR.*



Sindicato Rural de Ponta Grossa



Sindicato Rural de Prudentópolis



Sindicato Rural de Maringá



Sindicato Rural de São Jorge do Oeste



Sindicato Rural de Palotina



Sindicato Rural de Ubitatã

Cada trigo no seu quadrado

Com a separação de variedades, desde o plantio até o processamento, produtores aumentam a rentabilidade em até 10% e proporcionam produtos diferenciados a indústria

Texto Antonio C. Senkovski | Foto Fernando Santos

A variedade de biscoitos, massas, pães e inúmeros outros alimentos que levam trigo em sua composição é um fenômeno de encher os olhos e juntar água na boca das pessoas no supermercado. O que as letras miúdas dos rótulos não mostram no detalhamento dos ingredientes, no entanto, é que para se preparar cada produto há um tipo de trigo específico. Na verdade, na maior parte dos casos, um mix feito de vários deles. Para chegar às indústrias e panificadoras para se transformarem em guloseimas, essas variedades passam por um processo de segregação. E levar essa separação à cadeia produtiva, que envolve planejamento do plantio à colheita, e do transporte ao processamento, exige muito trabalho.

Um exemplo de como a segregação do trigo gera diferenciais aos envolvidos na cadeia produtiva vem da região Centro-Sul do Paraná. O produtor Andreas Keller Júnior

cultiva uma variedade específica em sua propriedade no município de Pinhão e recebe entre 5% a 10% a mais por saca em relação à média praticada no mercado. “A própria cooperativa já indica as variedades que são mais apropriadas para os clientes que vão comprar a farinha na fábrica do moinho. Tendo a qualidade exigida pela indústria, é algo vantajoso também financeiramente, além de diversificar um pouco os cultivos e diluir o risco”, enumera.

Outro produtor que aposta em variedades específicas para a indústria e consegue se beneficiar do bônus é Cristian Abt, com área no Distrito de Entre Rios. “Eu tenho trigo melhorador, usado para fazer mix em diversas misturas de farinhas. Cada indústria tem uma política, dependendo da necessidade de determinado tipo de trigo. Aqui na cooperativa, o trigo melhorador tem bonificação. Eu escolhi esse porque no campo é relativamente bom e também, se



Assista ao vídeo e ouça o áudio da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



Produtor Andreas Keller Júnior aposta em variedades selecionadas de trigo e consegue aumentar sua rentabilidade

conseguir uma boa produção, a rentabilidade é um pouco maior devido à bonificação”, revela.

A Agrária, cooperativa a que os produtores são vinculados, mantém a Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária (Fapa), que há décadas fomenta o cultivo de cereais de inverno na região, cujo clima é ideal para diversas cultivares. Juliano Luiz Almeida, pesquisador da Fapa, lembra que a prática da segregação começou com a cevada, há cerca de 20 anos e só depois no trigo. “Você não pode plantar duas ou três cultivares de cevada e misturar. Então a cooperativa já tinha essa tradição de segregar. E depois que começamos a cultivar trigos específicos, para nichos específicos, vimos que tínhamos que aplicar a mesma política de segregação”, lembra.

O pesquisador cita o exemplo da segregação dos grãos de trigo para se fazer biscoitos. “Trata-se de um grão completamente diferente do para fazer pão. É um trigo muito mais mole, com teor de proteína mais baixo e moagem diferente. A partir do momento que começamos a receber e moer esse trigo em separado, começou a transferir esses ganhos de tecnologias para o mercado. Foi uma concretização do objetivo do campo, passando pelo moinho e chegando até os nossos clientes”, aponta.

Soluções aos produtores

A prova de que a segregação de trigo vem ganhando importância é o fato de diversas empresas oferecerem soluções para diferentes variedades aos produtores. Durante a WinterShow 2018, no Distrito de Entre Rios, em Gua-

rapuava, realizada de 16 a 18 de outubro, mais de 3 mil pessoas passaram por estandes de 67 expositores, entre companhias de defensivos agrícolas, fertilizantes, novas tecnologias em automação nas propriedades, tratores. A programação também contou com palestras em temas como manejo e controle de pragas e doenças, planejamento econômico e compactação de solos.

O gerente de novos negócios da Biotrigo Genética, Jorge Stachoviack, reforça que as necessidades e expectativas da indústria são por trigos de qualidade. Segundo ele, se esses materiais específicos forem misturados com outros, perdem seu valor. “Essa separação é importante para que se agregue valor para o produtor rural, e mantenha para a indústria. A segregação é um passo inevitável para que possamos evoluir no mercado e na cadeia do trigo. Segregar e trabalhar em mercados específicos significa mais dinheiro no bolso do produtor”, ressalta.

Para Marcelo Ferri, consultor de desenvolvimento de mercado da Bayer, a disponibilidade de diversas variedades é uma preocupação no radar de empresas fornecedoras de insumos para a agricultura. “Hoje, os produtores têm uma gama de opções de variedades, cada uma com característica diferente em relação à resistência de doenças. O produtor, quando vai fazer o plantio dessas variedades, precisa ter consciência, a partir da orientação do técnico, os cuidados necessários”, alerta.

As novas tecnologias, também presentes na WinterShow, são outras ferramentas para ajudar nesse novo momento do trigo, como a estação meteorológica compacta, que permite identificar as variáveis climáticas e monitorar

remotamente pelo celular. “Existem inúmeras variedades específicas para cada característica ambiental. É preciso municiar o produtor com informações, em tempo real, relativas a aspectos climáticos para que decida qual variedade é mais adequada para uso na propriedade”, explica.

TIPOS DE TRIGO SEGREGADOS NA AGRÁRIA

Básico: utilizado principalmente na fabricação de biscoitos;

Melhorador: um dos usos mais populares é para a fabricação de panetones e pães industriais;

Pão: base para a preparação de pães comuns;

Em desenvolvimento: trigos em fase de testes para que sejam categorizados.

FAEP ATUA PELA SEGREGAÇÃO DO TRIGO NO ESTADO

Há anos, por meio da Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas, a FAEP debate a necessidade de se investir na segregação do trigo. Para Ana Paula Kowalski, técnica do Departamento Técnico Econômico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR, isso é fundamental para a evolução da cadeia como um todo. “Talvez, o trigo seja a cultura mais complexa em termos de qualidade, pois há muitos fatores que interferem no processo de panificação, na moagem, do que as culturas de verão. Então é um ponto fundamental para o produtor conseguir um diferencial de preço”, diz.

A FAEP atua em projetos para incentivar a segregação do trigo e promover o reconhecimento da qualidade das cultivares e os parâmetros que compõem os produtos finais. “O setor moageiro já se mostrou disposto a caminhar nesse sentido junto com os produtores rurais que têm uma vantagem direta na remuneração fazendo esse tipo de ação. Os próprios órgãos públicos também estão sendo envolvidos. Temos muito a avançar, mas a partir da coesão das ideias, acreditamos que vamos desenvolver a triticultura no Paraná”, resume Ana Paula.

Ainda, produtores e lideranças rurais do Paraná debateram os desafios do setor agrícola durante a reunião da Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas da FAEP, no dia 18, na sede do Sindicato Rural de Guarapuava. Este foi o primeiro encontro do grupo promovido este ano fora da sede da Federação, em Curitiba. O local foi definido a pedido dos produtores, para facilitar a logística e também propiciar a participação no WinterShow, a mais importante feira técnica de cereais de inverno do Brasil.

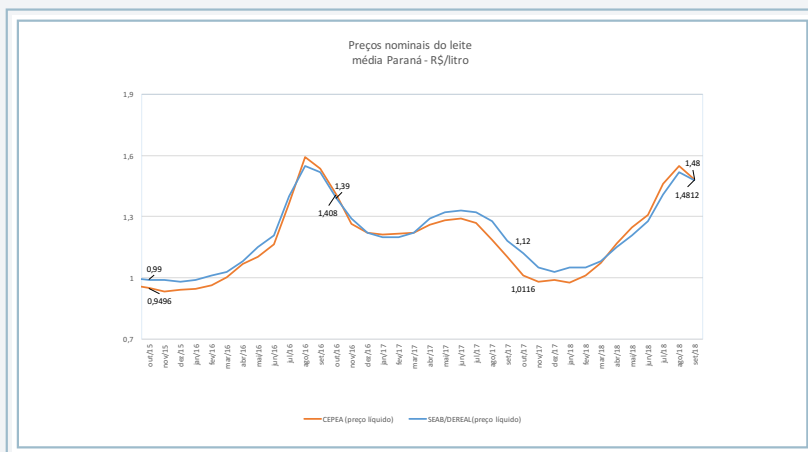
Jorge Stachoviack, gerente de novos negócios da Biotrigo Genética: segregação do trigo começa na seleção genética



Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 10/2018

A diretoria do Conseleite-Paraná, reunida no dia 16 de outubro de 2018, na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em setembro de 2018 e a projeção dos valores de referência para o mês de outubro de 2018, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2018 E SETEMBRO/2018

Matéria-prima	Valores finais em agosto/2018	Valores finais em setembro/2018	Variação (setembro - agosto)	
	(leite entregue em agosto a ser pago em setembro)	(leite entregue em setembro a ser pago em outubro)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,2128	1,1639	-0,0489	-4,03%

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - PROJETADOS PARA SETEMBRO/2018 E OUTUBRO/2018

Matéria-prima	Valores projetados setembro/2018	Valores projetados outubro/2018	Variação (setembro - agosto)	
	(leite entregue em setembro a ser pago em outubro)	(leite entregue em outubro a ser pago em novembro)	Em valor	Em %
Leite PADRÃO (R\$/Litro)	1,1700	1,1974	0,0274	2,34%

Observações: Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso o Funrural de 1,5% a ser descontado do produtor rural.

Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada "leite padrão", se referem ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 500 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de outubro de 2018 é de **R\$ 2,5552/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.conseleitepr.com.br

Curitiba, 16 de outubro de 2018

WILSON THIESEN Presidente | **RONEI VOLPI** Vice - Presidente

Campo Futuro levanta custos da aquicultura no Paraná

Painéis do programa foram realizados em Palotina e Toledo. Estado é o maior produtor de tilápia do país



Assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br

No ano passado, a produção de pescado cresceu 20% no Paraná, saltando para 112 mil toneladas, das quais 105 mil são de tilápia, espécie em que o Estado detém a liderança do ranking nacional. Diante da importância desta atividade econômica, o projeto Campo Futuro, realizado pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) em parceria com a FAEP, Sindicatos Rurais e entidades de pesquisa, realizou o levantamento das informações referentes à atividade na região Oeste, de modo a administrar corretamente custos e riscos inerentes à produção.

Os painéis aconteceram em setembro deste ano nos Sindicatos Rurais das cidades de Palotina e Toledo, no Oeste do Paraná, onde concentra-se boa parte da aquicultura paranaense. A metodologia consiste em reunir um grupo de integrantes da cadeia produtiva e identificar a “propriedade modal”, cujas características mais ocorrem naquela região, servindo de modelo para os cálculos do projeto.

Em Toledo, a propriedade típica onde se produz tilápia tem 24 hectares, sendo cinco hectares dedicados à

atividade aquícola, com área de 3,5 hectares de espelho d'água. Em Palotina, a propriedade modal é semelhante, com 24 hectares de área total, sendo quatro destinados à produção e três hectares de espelho d'água. Nos dois municípios pesquisados, o proprietário dedica parte do seu tempo à piscicultura, com a ajuda de um funcionário.

No ano passado foram realizados 147 painéis nas principais regiões produtoras do Brasil, que levantaram informações referentes a 39 culturas. No Paraná, participaram dos painéis da aquíicultura, produtores, representantes da indústria e técnicos da área.

Segundo o zootecnista do Departamento Técnico Econômico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR Guilherme Souza Dias, que acompanhou os painéis da aquíicultura no Estado, a iniciativa permite trabalhar com os custos de produção da atividade. “Quando o produtor coloca na ponta do lápis os seus números, ele passa a ter maior controle da sua atividade e consegue gerenciar melhor suas oportunidades e riscos”, avalia.

A metodologia do programa analisa o Custo Operacional Efetivo (COE), que representa a somatória dos custos referentes a mão-de-obra, insumos, uso de maquinário e custos administrativos, etc.; o Custo Operacional Total (COT), que soma ao COE a depreciação das benfeitorias e o pró-labore (remuneração) do produtor, e o Custo Total (CT) que adiciona ao COT a remuneração do capital e da terra.

De acordo com o levantamento realizado em Palotina, a receita unitária bruta foi de R\$ 4 por quilo. O COE ficou em R\$ 3,57/kg. Já o COT foi de R\$ 3,78/kg e o CT de R\$ 3,91/kg. Esses números revelam uma boa situação no município, que consegue remunerar o custo total com sobra (lucro) de R\$ 0,09/Kg.

Segundo o produtor de tilápia e vice-presidente do Sindicato Rural de Palotina, Edmilson Zobot, há pouco tempo essa margem era ainda melhor. “Há um ano vendíamos [o quilo de tilápia] a R\$ 4,70. Hoje vendemos a R\$ 4, mas os custos fixos, todos os insumos subiram de preço”, diz. “Não é ruim, mas a gente já ganhou mais na venda do produto”, avalia.

Em Toledo, os resultados foram um pouco diferentes. Com uma receita unitária bruta de R\$ 3,93/Kg, o COE foi de R\$ 3,74/kg, somando-se a remuneração do produtor e desgaste dos equipamentos, o COT ficou em de R\$ 3,83/kg, tendo o CT

R\$3,99/kg. Esse resultado gerou margens positivas para a atividade. A margem bruta (receita menos o COE) foi de R\$ 0,19/kg, a margem líquida (receita menos o COT) de R\$ 0,10/kg, ficando o prejuízo (receita menos o CT) em - R\$ 0,06/kg.

Quando analisada a composição dos custos, em todos os painéis realizados verificou-se que a ração dos peixes é o componente que mais pesa no bolso dos piscicultores. Em Toledo, esse item corresponde a 81% do COE e em Palotina a 72%. “Este impacto maior da alimentação dos animais em Toledo pode explicar essa diferença na remuneração”, explica Dias, da FAEP. Segundo ele, esses levantamentos pautam as futuras ações da CNA e da FAEP nesta cadeia. “Então vamos buscar junto ao governo para tentar inserir os insumos para alimentação dos peixes em políticas de desoneração tributária”, explica.

“A maior pressão é a ração. A matéria prima, que é o milho e a soja, quem define é o mercado. Não tem muito como mexer. Onde podemos trabalhar é na tributação. O que poderia auxiliar a indústria a reduzir o custo desta ração? É nisso que devemos trabalhar”, avalia o produtor Zobot. Segundo ele, outra situação que merece atenção na produção de peixes é o custo da energia elétrica. “Hoje a energia equivale a 9% do custo de produção”, afirma.





NOVA LONDRINA

GESTÃO DE PESSOAS

O curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - gestão de pessoas - métodos operacionais ocorreu entre os dias 26 de junho e 25 de setembro, por promoção do Sindicato Rural de Nova Londrina. A instrutora Juçana Angela Farina treinou 16 participantes.



CIANORTE

FRUTICULTURA BÁSICA

Nos dias 18 e 19 de julho, o Sindicato Rural de Cianorte promoveu o curso Trabalhador na Fruticultura Básica - clima tropical - básico clima tropical. Um grupo de 14 alunos foi capacitado pela instrutora Cassia Helena Borghi de Barros.



BANDEIRANTES

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

Seis pessoas participaram do curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - pulverizador tratorizado de barra, entre os dias 6 e 10 de agosto, promovido pelo Sindicato Rural de Bandeirantes. O instrutor foi Bruno Gonçalves Batista.



UMUARAMA

TRATORISTA AGRÍCOLA

Sindicato Rural de Umuarama e a empresa M.A. Maquinas promoveram o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola) - Norma Regulamentadora 31.12, entre os dias 13 e 18 de agosto. O instrutor Claudio Rodrigues da Costa treinou nove pessoas.



ANDIRÁ

TRABALHADOR EM TURISMO RURAL

Entre os dias 15 e 17 de agosto, Sindicato Rural de Andirá e a Secretaria Municipal do Desenvolvimento e Turismo promoveram o curso Trabalhador em Turismo Rural - acolhida no meio rural. Um grupo de 12 alunos foi treinado pelo instrutor Devanilde Alves Arias.



MUNHOZ DE MELLO

JAA

Desde o dia 16 de agosto, o Sindicato Rural de Astorga, a Secretaria Municipal de Assistência Social, o Colégio Estadual Engenheiro José Faria Saldanha e a Prefeitura Municipal de Munhoz de Mello estão realizando o curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - cenário agrossilvipastoril - preparando para gestão (turma da manhã). Até dia 14 de dezembro, a instrutora Priscila Trigo Martins Azevedo irá capacitar 15 jovens.



FRANCISCO BELTRÃO

APICULTURA

O curso Trabalhador na Apicultura - apicultura I, promovido pelo Sindicato Rural de Francisco Beltrão, treinou 13 pessoas, entre os dias 17 de agosto e 1º de setembro. Luiz Carlos Boaretto foi o instrutor.



CASCAVEL

CASQUEAMENTO DE BOVINOS

Nos dias 20 e 21 de agosto aconteceu o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - casqueamento de bovinos de leite, promovido pelo Sindicato Rural de Cascavel. O instrutor Euler Marcio Ayres Guerios treinou 14 pessoas.

VIA RÁPIDA



Casa por 1 Euro

É na França! Em Roubaix, a prefeitura mobilizou a população a fim de proporcionar o acesso à habitação e restaurar residências. Em contrapartida, o futuro dono deve se comprometer a restaurar a casa, não ter sido proprietário de imóvel anteriormente e residir nela por no mínimo seis anos. O projeto faz parte de uma campanha de revitalização dos bairros em situação de abandono. O preço médio de uma casa em boas condições na cidade fica entre 200 mil a 300 mil euros.



Privilégio do branco

Em encontros importantes no Vaticano, princesas e rainhas católicas podem visitar o Papa vestidas de branco. Atualmente, somente sete mulheres se enquadram neste perfil. As demais devem usar vestidos de mangas longas e véu na cabeça pretos.

Espelho, espelho meu

O espelho, como conhecemos hoje, foi invenção do químico alemão Justus von Liebig, em 1835, que usou uma fina camada de prata sobre o vidro e assim poder admirar o próprio reflexo. Antes disso, registros de pessoas que habitavam a região da Turquia, há 8 mil anos, mostram que obsidianas polidas (vidros vulcânicos) eram usadas para este fim. Na Mesopotâmia, por volta de 4 mil a.C., os habitantes usavam chapas de cobre.



Correio Submarino

No mar de Susami, no Japão, há uma caixa de correio localizada a 10 metros da costa, embaixo d'água. A caixa existe desde 1999, com o propósito de atrair turistas. Basta o mergulhador comprar um cartão postal especial, que não se deteriorará com a água, e usar uma caneta com base de óleo para escrever, facilmente encontrados por lá. As cartas depositadas são recolhidas por mergulhadores e encaminhadas aos seus destinatários.

Kiwi polivalente



Seu nome científico é *Actinidia deliciosa*, e apesar de ser largamente produzida na Itália, Nova Zelândia e Chile, a fruta é originária da China. Fonte de vitaminas A, B e C, sais minerais como potássio, magnésio, cobre e fosfato, o kiwi se torna um grande aliado contra o colesterol ruim, combate às doenças cardíacas, ajuda no controle da pressão e ainda ao controle do peso por ter poucas calorias.

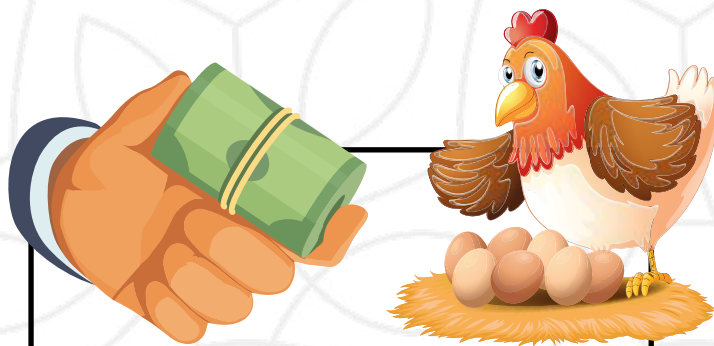


Faça um pedido

Quem passa pela Fontana de Trevi, famosa em Roma, geralmente joga uma moeda de costas, apostando que um desejo será realizado. Mas o que acontecem com as moedas que ficam por lá? Quando acaba o alto fluxo de turistas, servidores da prefeitura local recolhem as moedas de madrugada. O valor é destinado a uma entidade filantrópica da Igreja Católica. No relatório emitido em 2016, já teriam sido arrecadadas a quantia de quase 1,5 milhão de euros.

Reino Unido ou Grã-Bretanha?

Se você também é um do que se confundem na hora de definir este grupo de países europeus, saiba que há diferença entre os dois nomes. Grã-Bretanha é o nome da ilha que abriga Inglaterra, Escócia e País de Gales. Já o Reino Unido é um agrupamento político entre os países da Grã-Bretanha e a Irlanda do Norte, cuja chefe de estado é a Rainha Elizabeth II.



O preço da traição

A esposa revirando as coisas do marido, encontra guardados no fundo de um armário, três ovos e R\$ 5 mil enrolados. Curiosa, a mulher pergunta ao marido:

- Amor, o que são esses três ovos guardados nesse armário?

E ele confessa:

- Por favor meu amor, senta aqui, eu sempre quis lhe contar. É que algumas vezes eu não fui fiel a você, e quando isso acontecia eu guardava um ovo nesse armário!

A esposa, embora chateada, resolve não brigar e perdoa o marido, dizendo:

- Bom, até que você não foi tão infiel assim, pois depois de 15 anos de casamento, se você a cada traição guardava um ovo, só tem três, tudo bem. Mas agora eu não entendo. Os R\$ 5 mil guardados no armário?

E o marido arremata:

- É que quando dava uma dúzia de ovos eu vendia!



UMA SIMPLES FOTO





ESTÁ CHEGANDO A HORA!

- Uma **ferramenta** para facilitar a entrega das **obrigações previdenciária e trabalhista** e as informações da **comercialização da produção rural**.
- Em **janeiro de 2019** inicia o cronograma de entrega de informações obrigatórias para os **produtores rurais pessoa física**.

Procure o seu **Sindicato Rural** para orientações e evite multas

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____ _____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistematicafaep.org.br

• **FAEP** - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |
Fax 41 3323.2124 | sistematicafaep.org.br | faep@faep.com.br

• **SENAR-PR** - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |
Fax 41 3323.1779 | sistematicafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

